

## **Avanço verde-amarelo**

*Rodolfo C. Bonventti*

*Aquisição da Estácio no Paraguai mostra o caminho que grupos educacionais brasileiros começam a traçar: chegar ao mercado internacional.*

O anúncio de aquisição da Universidad de la Integración de las Americas (Unida), no Paraguai, pela Estácio Participações no final de julho pode ser o prenúncio de um movimento até então inimaginável para o setor educacional brasileiro. Animados pela recente entrada de investidores estrangeiros e pela abertura de capital na Bolsa de Valores, grupos educacionais se preparam para expandir suas operações para além das fronteiras brasileiras. A Estácio já definiu a aquisição de mais uma instituição no Uruguai. A Anhanguera Educacional e a Kroton pretendem expandir suas operações para o mercado internacional nos próximos anos e o grupo Unopar planeja atuar no exterior por meio da sua rede de ensino a distância.

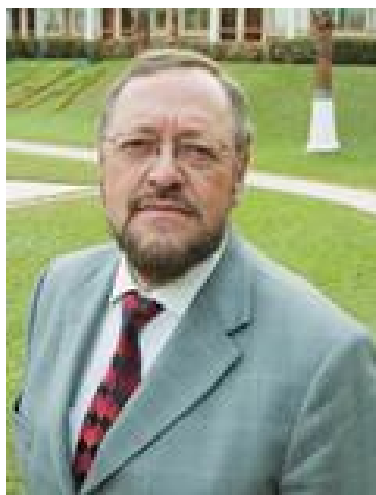
A aquisição da Unida é a confirmação de projeto iniciado com a abertura de capital da Estácio Participações na Bolsa de Valores, em 2007. Naquela época, a família controladora do grupo iniciava a implementação da Unida, no Paraguai, e da Escuela de Informática SRC, no Uruguai. Ficou acertado que as duas instituições seriam absorvidas pelo grupo até abril de 2009. A primeira venda se confirmou em julho último, com a aquisição da Unida. A Escuela de Informática SRC, instituição uruguaia voltada para o ensino tecnológico, deve ser absorvida antes mesmo da data acertada entre a companhia e os acionistas.

Segundo comunicado ao mercado divulgado pela Estácio em 28 de julho, a Unida, localizada na cidade de Assunção, oferece cursos de graduação nas áreas de administração, marketing, direito, educação, informática, educação física, medicina e enfermagem, entre outros. A instituição contava com 2.176 alunos matriculados ao final do primeiro semestre de 2008. A Escuela de Informática SRC, localizada em Montevideu, é menor: possui um campus com dois cursos de graduação e sete cursos técnicos. Ao final de 2007 contava com menos de 700 alunos.

Analistas de mercado dizem que a Estácio Participações, que tem como sócio investidor desde o início deste ano a GP Investimentos, tem interesse ainda no mercado da Argentina. No Brasil, a empresa carioca é dona da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, e da UniRadial, em São Paulo. Tem operações ainda em Pernambuco, no Pará, Ceará e Bahia.

Enquanto a Estácio finaliza os procedimentos para a aquisição no Paraguai e planeja novas aquisições, outros grupos brasileiros estudam o mercado externo, principalmente países da América Latina, mas também Ásia e África. A Anhanguera Educacional, primeira empresa educacional brasileira a abrir capital na Bolsa de Valores, não esconde os planos grandiosos para o futuro. "Trabalhamos para ser o maior grupo educacional do mundo e para isso focamos, até 2012, o crescimento orgânico com novas unidades no Brasil, bem como novas aquisições. A partir daí, e se a oportunidade de negócio aparecer no exterior, vamos apostar as nossas fichas sim, provavelmente por meio de uma joint venture com grupos locais", explica o presidente do grupo, professor Antonio Carbonari Netto.

O maior grupo educacional do mundo atualmente é o Apollo Group, que já teve operações no Brasil e possui atualmente 380 mil alunos, seguido pela Laureate Education, detentora de 51% da Universidade Anhembi Morumbi e 315 mil alunos em todo o mundo. "Eu não vejo a menor dificuldade em ultrapassá-los nos próximos três ou quatro anos, afinal temos registrado um crescimento de 100% ao ano no número de alunos matriculados", prevê Carbonari, que congrega 170 mil alunos sob a marca Anhanguera.



Antonio Carbonari, da Anhanguera Educacional: planos para ser o maior grupo educacional do mundo

Enquanto isso, a Kroton Educacional, que nasceu Pitágoras em 1966 com atuação no ensino básico e está no ensino superior desde 2001, planeja atuar no exterior a médio prazo. "Não é para já, talvez para os próximos cinco ou dez anos, mas o mercado internacional está na nossa mira. Em um universo cada vez mais globalizado, não podemos deixar de pensar em ter condições de competir também em nível internacional", diz Walter Luiz Diniz Braga, presidente da Kroton Educacional S/A.

Com atuais 605 escolas associadas em todo o Brasil e 25 campi em seis Estados, a meta do grupo é fechar 2008 com 16 novos campi. A Kroton já possui uma associação no Uruguai e seis unidades de ensino básico no Japão para atender filhos de brasileiros e de japoneses que queiram aprender o português. Para Walter Braga, a experiência com o Apollo Group, que teve participação nas Faculdades Pitágoras e revendeu para os antigos donos em 2006, proporcionou um diferencial para os planos da Kroton. "Durante o período em que o Apollo Group manteve sua participação no Pitágoras, nós tivemos a oportunidade de estreitar o relacionamento com grupos internacionais e entender melhor o que eles pensam e desejam. Uma parceria desse tipo, tanto internamente como para atuar lá fora, permite não só oferecer ensino superior com mais qualidade como uma estrutura gerencial muito mais forte e eficiente", define.

Entre os países sob estudo dos grupos nacionais estão Chile, Argentina, México, Uruguai e Colômbia. O interesse dos brasileiros pelos países latino-americanos é justificado. Atualmente, a taxa de matrículas no ensino superior em países da América Latina gira em torno de 28%, sendo que em 2002 a taxa era de 26%. Na Europa o índice é de 60% e na América do Norte atinge cerca de 80%, incluídos os community colleges.

Um caminho ainda mais rápido para chegar ao exterior pode ser o ensino a distância. Uma das maiores universidades de ensino a distância do Brasil e da América Latina, a Universidade Norte do Paraná (Unopar), com três campi no Paraná, 425 pólos de apoio presenciais em todos os Estados brasileiros e 135 mil alunos matriculados, está pronta para aportar em outros países, se a oportunidade surgir. "No momento nosso foco está totalmente voltado para o mercado interno e não possuímos ainda pólos instalados fora do Brasil, mas temos projetos sim e já estamos tecnicamente preparados para atender a todos os países da América do Sul", explica a professora Wilma Jandre Melo, reitora em exercício da Unopar.

Os países africanos de língua portuguesa também estão na zona de interesse da Universidade, embora questões operacionais ainda precisem ser equacionadas. "A implantação de cursos a distância nesses países está intimamente ligada a projetos dos governos dessas nações e de financiamentos de organismos internacionais, o que apesar da disponibilidade e do interesse de ambas as partes, sempre acarreta negociações mais demoradas", lembra Wilma Melo.

Segundo os consultores educacionais, mirar o exterior a médio ou longo prazo não deve ser uma tendência para todo o setor de ensino superior brasileiro, mas um movimento restrito aos principais grupos. "Abertura de capital e investimento em unidades no exterior é para muito poucos, ou seja, um pequeno grupo supercapitalizado e que já desenvolveu um gerenciamento baseado em resultados, que é uma novidade para o setor", acredita Carlos Antonio Monteiro, presidente da CM Consultoria.

Já Walter Braga, da Kroton, acredita no atual momento do setor educacional brasileiro, terceiro segmento no país em que mais ocorreram fusões e aquisições no último ano, com movimentação de quase R\$ 250 milhões só neste primeiro semestre. "O ensino superior no Brasil está com a auto-estima bem resolvida e as principais instituições de ensino superior têm dado respostas muito positivas aos desafios que têm surgido. Isso, evidentemente, facilita que as portas se abram para nós no exterior ou mesmo para recebermos investimentos externos."

Para Sérgio Werther Duque Estrada, sócio-diretor da Valormax, empresa especializada em reestruturação, fusão e aquisição de companhias e grandes grupos, o setor de ensino superior brasileiro ainda precisa amadurecer. "Nossas instituições ainda são muito empreendedoras, mas pouco empresariais e esse é um aspecto que precisa ser muito bem trabalhado se elas pretendem se consolidar internamente para depois pensarem no exterior. Não há como crescer e oferecer ensino de qualidade sem equilibrar a visão educacional com a empresarial. Essa é a competência necessária para uma instituição privada de ensino superior ter sucesso."

De qualquer forma, os grandes grupos educacionais brasileiros parecem viver um bom momento. Dados da consultoria KPMG mostram que, só no primeiro semestre de 2008, o setor de ensino superior registrou 30 aquisições, sendo o terceiro segmento no país em que mais ocorreram fusões e aquisições no último ano, perdendo apenas para os segmentos de tecnologia da informação e de alimentos e bebidas.

Detentor do único grupo brasileiro que, segundo analistas, reúne atualmente musculatura financeira capaz de romper as fronteiras brasileiras, Carbonari mostra que ainda há muito espaço para investir no Brasil. "A educação no Brasil está em expansão, já que possuímos atualmente apenas 12% da faixa de 18 a 24 anos da população brasileira nas escolas superiores, um índice ainda muito baixo perto dos 70% a 80% registrados nos países desenvolvidos, ou mesmo em relação aos nossos vizinhos. A Bolívia, por exemplo, para surpresa de muitos, inclusive do mercado internacional, tem registrado um crescimento no número de alunos matriculados no ensino superior bem maior que o nosso."

Os planos internos da Anhanguera, que captou R\$ 868 milhões em apenas duas ofertas públicas de ações, realizadas uma no ano passado e outra nesse ano, é chegar a 2012 com 120 campi e mais de 400 mil alunos. A empresa educacional adquiriu no início de julho a 48ª unidade, o Centro de Ensino Superior de Rondonópolis, mantenedor da Faculdade do Sul de Mato Grosso (Facsul).

Na Kroton, o objetivo é investir em pequenas e médias instituições de ensino que possuam de mil a quatro mil alunos em cidades que apresentam grande potencial de crescimento e conseqüente aumento do poder aquisitivo da população, tendo o Centro-Oeste como prioridade. Além das universidades Pitágoras e Faculdades de Tecnologia Ined, a Kroton adquiriu recentemente a Faculdade de Tecnologia de Londrina e a Uniminas, localizada em

Uberlândia. "Temos um expertise de trabalhar em escala e de possuir bons processos de avaliação de aprendizagem. Essas são duas características que chamam a atenção principalmente dos grandes investidores e de grupos americanos", diz Walter Braga.



Walter Braga, da Kroton: experiência com o Apollo Group ajuda aproximação com o mercado internacional

Há algum tempo os grupos internacionais começaram a olhar para o setor de educação superior brasileiro. O movimento começou por volta de 2001, quando a Laureate International Universities, uma das maiores redes mundiais de instituições privadas de ensino superior, chegou ao país interessada em investir no segmento. Foram três anos de estudos e de um namoro que se consolidou com a compra de 51% da Universidade Anhembi Morumbi, em 2005, e posteriormente da Universidade Potiguar do Rio Grande do Norte; da Business School São Paulo; da Escola Superior de Administração, Direito e Economia de Porto Alegre e do Centro Universitário do Norte (UniNorte), localizado no Amazonas.

Outros grupos estrangeiros também aportaram no Brasil, como a Whitney International, que controla 50% das Faculdades Jorge Amado de Salvador, e o Apollo Group, que teve participação nas Faculdades Pitágoras e agora ensaia a volta tentando adquirir o Grupo Objetivo. A DeVry University, universidade norte-americana de capital aberto, estuda a melhor forma de entrar no país.

Com toda essa movimentação recente do mercado, a possibilidade de internacionalização do setor é um assunto que está apenas começando a ser analisado, mas que deve dominar o planejamento dos grandes grupos educacionais brasileiros nos próximos anos.

#### Capital aberto para expandir

Outro comportamento recente das instituições de ensino superior brasileiras, e que as capitalizou o suficiente para começar a pensar no mercado internacional, é a abertura de capital. Além da Anhanguera, da Kroton e da Estácio Participações, também tem ações na Bolsa de Valores o SEB (Sistema Educacional Brasileiro), surgido há mais de 40 anos em Ribeirão Preto, mais conhecido pela marca Sistema COC de Ensino e que já adquiriu a Faculdade Metropolitana de Belo Horizonte e mais recentemente o Grupo Dom Bosco. Outros grupos aguardam ou estudam o momento mais conveniente para abrir o seu capital enquanto investem na compra de outras instituições. São eles o Grupo Luni Educacional, de Mato Grosso, o oitavo maior do país segundo o ranking da Hoper Consultoria, que além de dominar o Centro-Oeste vem abrindo frentes no Norte e no Nordeste; a Veris Educacional, que além da marca Ibmecc tem em sua rede a Metrocamp de Campinas e as faculdades Evandro Lins e

Silva, Inea e Uirapuru; o Grupo Anima, formado pela UNA e a Unimonte; o Grupo Unicsul, que possui quatro campi em São Paulo e comprou a UniDF, em Brasília, e o Grupo Universitário Maurício de Nassau, de Pernambuco.

**Disponível em:** <<http://revistaensinosuperior.uol.com.br>>. Acesso em 26 ago. 2008

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.